

ações que visam o aumento do número de captação de cadastros de doadores de medula óssea, promovendo uma cultura de responsabilidade e solidariedade social. O projeto contribuirá para o enriquecimento da hemorrede do estado do Maranhão e para a melhoria do atendimento a pacientes que necessitam de transplante de medula óssea, retratando um desenvolvimento nas políticas públicas de saúde.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1659>

## EPIDEMIOLOGIA DOS TRANSPLANTES DE MEDULA ÓSSEA NO ESTADO DO PARÁ ENTRE 2015 E 2023

ASB Costa, CEL Rolim, LAC Borges, LTVM Francês

Fundação Centro de Hematologia e Hemoterapia do Estado do Pará (Hemopa), Belém, PA, Brasil

**Objetivo:** O Transplante de Células Tronco Hematopoiéticas (TCTH) consiste na substituição de células medulares doentes por células saudáveis de um doador, sendo um tratamento indicado para diversas doenças hematológicas. O presente trabalho visa identificar o número de transplantes de medula óssea realizados na região Norte, além de descrever as características epidemiológicas desse procedimento no estado do Pará ao longo do período de 2015 a 2023. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo transversal retrospectivo de abordagem quantitativa, realizado em julho de 2024 na Fundação HEMOPA. Utilizou-se dados do Sistema Nacional de Transplantes (SNT) e da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), sobre transplantes de medula óssea realizados de janeiro de 2015 a dezembro de 2023. **Resultados:** Em relação ao número total de TCTHs realizados na região Norte, todos realizados no estado do Pará, de 2015 a 2023. Segundo a ABTO, foram realizados um total de 17 procedimentos, enquanto os dados do SNT, que incluíam informações até 2022 no momento da coleta, registraram 6 TCTHs. Quanto ao tipo de transplante realizado, o transplante autólogo segundo o SNT, em 2015 foi realizado 1 transplante do tipo autólogo (50%) e 1 alogênico aparentado (50%), enquanto em 2022 foram realizados 4 procedimentos do tipo autólogo (100%). Segundo a ABTO, em 2022 foram realizados 5 TCTHs do tipo autólogo (100%) e em 2023 ocorreram 12 procedimentos autólogo (100%). O número de Centros Transplantadores (CTs) que realizaram o procedimento foi zero de 2015 a 2021 e aumentou para um em 2022 e 2023, conforme descrito pela ABTO. **Discussão:** Os dados quantitativos referentes ao número absoluto de TCTHs realizados variaram conforme as bases de dados consultadas no período analisado, destaca-se que ambas as fontes de dados registram os procedimentos financiados pelo SUS, convênios e particular. Ao comparar os registros da ABTO e do SNT entre os anos de 2015 e 2023, observa-se discrepâncias significativas. Em 2015, o SNT registrou 2 procedimentos, enquanto a ABTO não reportou nenhum. Além disso, em 2022, o SNT registrou 4 procedimentos, enquanto a ABTO registrou 5. Em 2023, a ABTO registrou 12 transplantes de medula óssea, e os dados do SNT para este ano ainda não haviam sido disponibilizados até a coleta de

dados deste estudo. A disparidade nos números absolutos de procedimentos realizados sugere possíveis falhas no sistema de informação e/ou subnotificação por parte dos Centros Transplantadores (CTs). Em geral, o SNT evidenciou um crescimento de 100% no número absoluto entre os anos de 2015 e 2022, enquanto os dados da ABTO indicaram uma taxa de crescimento de 140%. O transplante autólogo foi o tipo mais frequentes (95,75%) em comparação com o alogênico aparentado (4,35%), sendo essa predominância uma tendência mundial. Além disso, o número de CTs é crítico, uma vez que só há um centro transplantador na região Norte. **Conclusão:** O presente estudo evidenciou um crescimento significativo no número de TCTHs realizados no estado do Pará nos últimos 8 anos. Além disso, identificaram-se divergências nos registros de transplantes nas fontes de dados consultadas, o que reforça a importância da padronização dos dados para monitorar adequadamente o avanço deste procedimento no país. Destaca-se também a urgência na ampliação do número de CTs e na realização de TCTHs no estado.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1660>

## ANÁLISE DO PERFIL DE DOADORES VOLUNTÁRIOS CADASTRADOS NO REGISTRO NACIONAL DE DOADORES DE MEDULA ÓSSEA NO PERÍODO DE 2019 A 2023

EYS Costa, PLMD Santos, JPDR Lima, SL Silva, JFDD Anjos

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, PA, Brasil

**Objetivo:** O REDOME (Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea) é um dos maiores registros de doadores de medula óssea do mundo, administrado pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA) no Brasil. Seu propósito é ajudar a encontrar doadores compatíveis para pacientes com doenças hematológicas que precisam de transplantes de medula. Conhecer o perfil dos doadores permite identificar necessidades de campanhas de conscientização e recrutamento constantes e mais eficazes. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar o perfil de doadores voluntários de medula óssea cadastrados no REDOME no período de 2019 a 2023. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo retrospectivo e quantitativo, baseado nos dados secundários oficiais, de domínio público, disponibilizados pelo INCA – REDOME, tendo a Fundação Hemopa como instituição âncora. O estudo focou em doadores voluntários de medula óssea cadastrados no REDOME, analisando o número de cadastros por Região e Unidade Federativa do Brasil, e comparando raça, idade e sexo dos indivíduos. A busca e seleção de dados utilizaram os termos “transplante de medula óssea”, “REDOME” e “unidade federativa”, e como critérios de inclusão os registros dos últimos 5 anos. **Resultados:** Até o final de 2023, os doadores cadastrados por região foram: Centro-oeste: 564.850, Nordeste: 1.070.301, Norte: 406.479, Sudeste: 2.538.348 e Sul: 1.179.550. No Centro-oeste, Goiás destaca-se com 43,91%. No Norte, Pará (31,39%) e Rondônia (30,30%). No Nordeste se sobressaíram, Ceará (21,53%) e Bahia (20,37%). No Sudeste,

São Paulo concentrou 57,53%, tendo Rio de Janeiro com apenas 10,28%. E no Sul, Paraná registrou 48,74%. Em relação à raça dos doadores, 560.260 não informaram, 419.938 preta, 172.295 amarela, 1.507.298 parda, 3.091.648 branca e 22.158 indígena. Os doadores registrados por idade, destacam-se: 610 menores de 18 anos, 12.160 entre 18 e 19 anos, 193.486 de 20 a 24 anos, 499.661 de 25 a 29 anos, 823.170 de 30 a 34 anos, 1.054.409 de 35 a 39 anos, 952.926 de 40 a 44 anos, 725.091 de 45 a 49 anos, 566.478 de 50 a 54 anos, 459.471 de 55 a 59 anos, 77.211 com 60 anos e 408.924 acima de 60 anos. Em relação ao gênero, 271 não especificaram, 3.309.249 do sexo feminino e 2.464.078 do masculino. **Discussão:** O Sudeste tem o maior número de doadores registrados (2.538.348), sendo 42,47% do total nacional, com São Paulo contribuindo com 57,53%, indicando uma forte cultura de doação ou infraestrutura de registro mais eficiente. O Nordeste segue com 1.070.301 doadores, destacando Bahia (20,37%) e Ceará (21,53%). Essa distribuição desigual sugere variações regionais na conscientização ou no acesso aos sistemas de registro. Racialmente, a maioria dos doadores se identifica como branca (3.091.648), seguida por parda (1.507.298). A faixa etária mais comum é de 30 a 39 anos, mas o número de doadores geralmente diminui conforme a idade vai aumentando. Em termos de gênero, predominam as mulheres sobre doadores homens, refletindo possíveis tendências culturais ou sociais. **Conclusão:** Os dados revelam uma disparidade significativa no perfil e na distribuição de doadores por região, raça, idade e sexo. Essa informação pode vir a ser crucial para direcionar campanhas de conscientização e políticas públicas que visem aumentar o número de doadores, garantir uma maior representatividade e equidade em todo território nacional.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1661>

#### INTERVENÇÕES FISIOTERAPÊUTICAS NO MANEJO DE COMPLICAÇÕES EM PACIENTES PÓS-TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA

EYS Costa<sup>a</sup>, PLMD Santos<sup>a</sup>, RB Melo<sup>b</sup>, SL Silva<sup>a</sup>, JFDD Anjos<sup>a</sup>

<sup>a</sup> Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, PA, Brasil

<sup>b</sup> Fundação Centro de Hematologia e Hemoterapia do Estado do Pará (Hemopa), Belém, PA, Brasil

**Objetivo:** O Transplante de Medula Óssea (TMO) é uma alternativa de tratamento para algumas doenças hematológicas que não respondem ao tratamento padrão. No entanto, pode causar complicações, como fraqueza muscular, fadiga, descondicionamento cardiovascular e pneumonia infecciosa, afetando a qualidade de vida dos pacientes. As intervenções fisioterapêuticas são essenciais para gerenciar essas complicações, ajudando na recuperação e na manutenção da funcionalidade dos pacientes. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo investigar a eficácia das intervenções fisioterapêuticas no manejo de complicações em pacientes pós-TMO. **Material e métodos:** Foi realizada uma revisão sistemática usando o método PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), com buscas nas bases de

dados PubMed e Scielo. Os critérios de inclusão foram artigos dos últimos 5 anos, em inglês, espanhol ou português, que abordassem intervenções fisioterapêuticas em pacientes submetidos ao TMO focando nas complicações. Foram excluídos estudos de casos isolados e artigos de revisão sem dados quantitativos. A busca inicial encontrou 86 artigos, usando combinações de palavras-chave relacionadas “fisioterapia”, “transplante de medula óssea”, “complicações”, “exercício físico”, “fisioterapia respiratória”, e “reabilitação funcional”. Após remover duplicatas, 35 artigos foram triados por títulos e resumos, resultando em 22 artigos para avaliação completa. 12 artigos foram incluídos na análise final, abordando intervenções como exercícios físicos (aeróbicos e de resistência), fisioterapia respiratória e reabilitação funcional em pacientes pós-TMO. **Resultados:** A análise dos 12 estudos demonstrou que as intervenções fisioterapêuticas tiveram resultados positivos significativos no manejo de complicações em pacientes pós-TMO. A inclusão de exercícios aeróbicos e de resistência melhoraram a capacidade cardiorrespiratória dos pacientes, e a Escala de Fadiga de Piper indicou aumento na disposição física e mental. Os artigos selecionados evidenciaram que a fisioterapia respiratória reduziu a incidência de complicações pulmonares. Programas de reabilitação funcional, que incluíam exercícios de alongamento, mobilizações articulares e treinos de equilíbrio, melhoraram a mobilidade e independência dos pacientes. **Discussão:** Os resultados indicam que intervenções fisioterapêuticas são cruciais no manejo de complicações pós-TMO, proporcionando melhorias significativas na recuperação física e funcional dos pacientes, além de aumentar a qualidade de vida e o bem-estar geral. A reabilitação funcional é indispensável para restaurar a independência nas atividades diárias, promovendo segurança e autonomia. Intervenções de fisioterapia respiratória são essenciais para melhorar a função pulmonar e prevenir infecções respiratórias em pacientes com complicações pulmonares. Além disso, ficou evidente que atividades aeróbicas e de resistência são eficazes na manutenção da massa muscular e na capacidade cardiorrespiratória. **Conclusão:** Intervenções fisioterapêuticas, como exercícios supervisionados, fisioterapia respiratória e reabilitação funcional, melhoram a qualidade de vida, bem-estar dos pacientes e são essenciais para a reabilitação de pacientes pós-TMO. A integração dessas intervenções em planos de cuidado multidisciplinar é recomendada para alcançar melhores resultados clínicos e funcionais.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1662>

#### COMPARAÇÃO DA EFETIVIDADE DE SOLUÇÕES SEDIMENTADORAS DE HIDROXIETILAMIDO (HES) COM DIFERENTES OSMOLARIDADES NA RECUPERAÇÃO DE CÉLULAS NUCLEADAS E CÉLULAS CD34+ NO PROCESSAMENTO DE SANGUE DE CORDÃO UMBILICAL

TS Melo, CA Ayoub, IP Sartoretto, EC Theodoro

Centro de Criogenia Brasil (CCB), São Paulo, SP, Brasil